



**Carta ao
poeta
Lindolf
Bell**



É verdade, existem muitas maneiras de celebrar. De ver. De enxergar. De conhecer e reconhecer. De tatear e cair. De levantar e caminhar. De viver e com-viver. Mas a mais abrangente e fundante manifestação do ser – imediata e mediata, essencial e contingente, limpa e suja, visceral – é a poética. Só a ela é dada a condição de revelar tudo aquilo que ficou entocado, dentro da toca – ou estocado. Ou intocado, guardado, fechado, não mexido. Graças a Deus, a poesia foi capaz de romper, novamente, com o *satus quo* do aparente e do obscuro. Seu poder visceral instalou e instaurou a emersão de um novo código das águas em todos aqueles que estiveram presentes aos 30 anos da Catequese Poética. E o mérito disso tudo sempre esteve vinculado – não só à tua poesia – mas ao teu entendimento e à tua aceitação em se tornar um missionário do poéti-



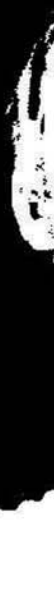
co e da dimensão poética do homem. Encontro aí, em detalhes múltiplos, constantes e contínuos, o teu legítimo parentesco com os grandes homens que acataram e fiaram e desfiaram os fios e os desafios de uma missão. E tudo é missão, como já dizia o nosso incontestável *Rainer Maria Rilke*. E é rilkeana a tua compreensão do mundo. Mais que rilkeana: é franciscana. O vértice e o vórtice. E a chama votiva dos votos. Dos ex-votos. A presença de uma religiosidade primitiva, ainda hoje mal compreendida. A religiosidade do sagrado que não está em sacrários, mas em sacras áreas abertas. No corpo da terra. No corpo dos homens. No corpo das mulheres. Na clara idade da tua infância. Na flor escondida que nasce ainda, e sempre continuará a nascer. Nos campos e nos vales. Nas montanhas. Nos ciclos das estações. Nas memórias ancoradas num rito de passagem. Num rio de não passar. Passageiro fixo de todas as nossas agonias. E felicidades. E espantos. E perplexidades. Partos de Teodoros e Amálias e Naires e Jardins. E meninos que fomos carregando os sonhos em uma carroça. Carrossel da nossa meninice. Eis a carroça, eis os sulcos na terra, eis os símbolos aparecendo. Como guardá-los? Não sei dizer e conter e nem contar, linear, esses descobrimentos. Mas que é na infância que tudo está, não tenho dúvida. É lá que sentimos tudo aquilo que ficou preso ao inaparente e ao inexpresso. Na infância de todos, quem criou e ainda cria, fios e desafios? Saudades infinitas de um ser íntegro e pequeno, anônimo –mas não anódino– que se chamava Rubens...e se colocava diante, adiante e atrás de tudo. Re-ligare esse moleque. Tornar a ligar. O umbilical e o universal. O sagrado e o profano. Timbó e Blumenau. Timbó e São Paulo. Timbó e o Brasil. Timbó e o mundo.

É no poético, entranhado na raiz de todo e qualquer aprendizado que se dá vazão e expressão ao inaparente e ao mal percebido. É no poético que se cruzam as retas inexistentes com as curvas verdadeiras. É no poético que se eliminam e se iluminam as diferenças. É no poético que a palavra se desdobra como dádiva do olhar. É no poético que a liberdade cresce e floresce. O poético é o antidogma por excelência. O poético é a vertente do inesgotável. A água primeira de tudo. Fundamento e fim de todas as coisas que ainda não nasceram. E vivem do desejo e da espera. O poético é também, acima de tudo, a celebração de uma ausência. Ou de uma presença.

E é assim, com solenidade mesmo, que eu celebro a tua verdadeira vocação. Evoco fatos, lembranças díspares, lutas comuns e incomuns. E invoco a proteção dos deuses para que a tua caminhada entre nós prossiga sendo o que ela foi até agora. É uma benção e uma honraria muito grande ter sido – e ainda ser – teu companheiro, teu amigo, teu irmão. Sinto-me fortalecido e ampliado por esse pouco e curto convívio de um inverno acalorado e feliz, em Blumenau e Timbó. Você é um dos mais belos exemplos de dignidade, de amor e respeito à vida que eu já conheci. Considero um verdadeiro privilégio meus filhos conhecerem uma pessoa como você – e terem tido a oportunidade de partilhar um pouco do seu mundo e dos seus símbolos. O simples fato de você existir e viver esses seus 56 anos com tantos valores que me são tão caros, por si só já justifica minha renovada concepção da tua exemplaridade. E exemplos de

vida bela são tão raros hoje em dia,

que a importância da tua vida e do teu exemplo são mais fundamentais do que nunca. Para todos nós,



Ana, Thiago, Chris, mamãe, papai, Maria Elisa e tantas outras pessoas que tiveram alguma proximidade com você. Admiro muito, também, a tua poesia. E já falei que ela é uma das melhores já feitas no Brasil, desde os nossos maiores e amados poetas como Jorge de Lima e Drummond. Mas admiro um outro tanto você como pessoa. E é nessa direção que o enriquecimento foi maior. E a constatação de vê-lo –depois de tanto tempo, ainda tão fraterno e puro – restaurou em mim crenças elementares que já estavam meio abaladas. Foi gratificante presenciá-lo ao redor dos sinais e símbolos que irrigaram a tua infância e os teus primeiros perceberes de menino. Jamais vi, vivi ou convivi com um ser humano que respeitasse tanto a vida em todas as suas manifestações. A tua fidelidade é espontânea, nativa. E a tua dignidade é um desdobramento natural de seu vínculo com a terra. E o que dizer de tua postura sempre fraterna com qualquer ser vivente? Eu chego a suspeitar que as cíclicas enchentes do Itajaí também alargaram e alagaram a tua dimensão humana. Timbó também deve ter grande parcela de culpa nesse amadurecimento pleno de todas as tuas possibilidades e potencialidades. Não há dúvida: você sempre foi mais ou menos assim. Mas agora eu percebi um aprofundamento de tudo aquilo que girava em torno desse núcleo central.

Acho que o sagrado é o centro do teu mundo, a origem da tua ordem, a garantia da tua harmonia. Continue assim. Por você e por nós todos.



Rubens Jardim

